

Entre a Cultura e a Barbárie: Psicanálise e Complexidade como Resistência Ética

*Between Culture and Barbarism:
Psychoanalysis and Complexity as Ethical Resistance*

*Entre la cultura y la barbarie:
psicoanálisis y complejidad como resistencia ética*

Marcio Antonio Raiol dos Santos

Resumo

Neste artigo, proponho uma articulação entre a psicanálise freudiana e a teoria da complexidade de Edgar Morin, como instrumentos críticos para compreender a barbárie contemporânea. Defendo que a psicanálise, desde sua origem, constitui-se como um saber transdisciplinar e ético, operando entre o psíquico e o cultural, o individual e o coletivo. A partir de uma leitura das obras fundamentais de Freud, e das interpretações de Renato Mezan, elaboro a ideia de cultura como campo de conflito pulsional e produção de sintomas. Em diálogo com a crítica de Morin à racionalidade fragmentada da modernidade, sustento que a escuta psicanalítica acolhe a complexidade e as contradições do sujeito, opondo-se às formas atuais de desumanização simbólica. Apresento, assim, a psicanálise como prática discursiva de resistência, capaz de contribuir para a reinvenção ética da cultura. Defendo que a modernidade, ao recalcar o mal-estar, gera formas refinadas de barbárie técnica, simbólica e institucional. A articulação entre inconsciente e cultura oferece, desse modo, uma chave de leitura crítica para os impasses civilizatórios contemporâneos. Concluo que sustentar o sujeito em sua falta, ambivalência e singularidade é condição fundamental para resistir aos discursos normativos que promovem a homogeneização subjetiva, como ocorre nos processos de medicalização, tecnocratização e produtivismo.

Palavras-chave: psicanálise, complexidade, cultura, barbárie, subjetividade

Abstract

In this article, I propose an articulation between Freudian psychoanalysis and Edgar Morin's complexity theory as critical instruments to understand contemporary barbarism. I argue that psychoanalysis, since its origin, has constituted itself as a transdisciplinary and ethical field of knowledge, operating between the psychic and the cultural, the individual and the collective. Based on a reading of Freud's key works and Renato Mezan's interpretations, I develop the idea of culture as a field of drive conflict and symptom production. In dialogue with Morin's critique of the fragmented rationality of modernity, I argue that psychoanalytic listening welcomes the complexity and contradictions of the subject, standing in opposition to current forms of symbolic dehumanization. I present psychoanalysis as a discursive practice of resistance, capable of contributing to the ethical reinvention of culture. I maintain that modernity, by repressing malaise, generates refined forms of technical, symbolic, and institutional

barbarism. The articulation between the unconscious and culture thus offers a critical lens for interpreting contemporary civilizational impasses. I conclude that sustaining the subject in their lack, ambivalence, and singularity is a fundamental condition for resisting normative discourses that promote subjective homogenization, as seen in medicalization, technocratization, and productivity-focused models.

Keywords: psychoanalysis, complexity, culture, barbarismo, subjectivity

Resumen

En este artículo, propongo una articulación entre el psicoanálisis freudiano y la teoría de la complejidad de Edgar Morin como instrumentos críticos para comprender la barbarie contemporánea. Sostengo que el psicoanálisis, desde su origen, se constituye como un conocimiento transdisciplinario y ético, que opera entre lo psíquico y lo cultural, lo individual y lo colectivo. A partir de una lectura de las obras fundamentales de Freud y las interpretaciones de Renato Mezan, desarrollo la idea de la cultura como un campo de conflicto pulsátil y producción de síntomas. En diálogo con la crítica de Morin a la racionalidad fragmentada de la modernidad, afirmo que la escucha psicoanalítica acoge la complejidad y las contradicciones del sujeto, oponiéndose a las formas actuales de deshumanización simbólica. Presento así el psicoanálisis como una práctica discursiva de resistencia, capaz de contribuir a la reinención ética de la cultura. Argumento que la modernidad, al reprimir el malestar, genera formas refinadas de barbarie técnica, simbólica e institucional. La articulación entre el inconsciente y la cultura ofrece, por lo tanto, una clave de lectura crítica para los impases civilizatorios contemporáneos. Concluyo que sostener al sujeto en su carencia, ambivalencia y singularidad es una condición fundamental para resistir los discursos normativos que promueven la homogeneización subjetiva, como ocurre en los procesos de medicalización, tecnocratización y productivismo.

Palabras clave: psicoanálisis, complejidad, cultura, barbárie, subjetividad

Introdução

Vivemos tempos em que a barbárie não se coloca mais como um desvio da civilização, mas como sua própria engrenagem oculta — tecnificada, racionalizada, legitimada por discursos de eficiência, performance e neutralidade. O cenário contemporâneo — marcado por colapsos ambientais, precarização subjetiva, fundamentalismos, medicalização dos afetos e esvaziamento simbólico da linguagem — exige uma resposta teórica que vá além da denúncia, ou seja, exige uma resistência epistêmica. Neste contexto, hipotetizo que a psicanálise, articulada ao pensamento complexo de Edgar Morin, constitui-se como prática discursiva

e ética de resistência/resiliência à barbárie contemporânea. Em tempos de racionalidade fragmentária, o inconsciente emerge como contraponto, lugar da singularidade, da opacidade e do desejo.

Esta hipótese demanda, desde já, uma abordagem transdisciplinar¹. Não na perspectiva de um cruzamento eventual de

¹ A transdisciplinaridade, mais exigente que outras abordagens (Disciplinar / Pluri - Multidisciplinar / Interdisciplinar), constitui-se como um movimento epistemológico que busca transcender os limites das disciplinas tradicionais, por meio da construção de um domínio linguístico comum, da identificação de zonas de não-resistência epistêmica e da assunção de múltiplos níveis de realidade. Ela exige cooperação entre os saberes e resulta numa produção coletiva capaz de refletir a complexidade da realidade (Santos, 2012).

saberes, mas como uma postura ética, epistêmica e política. Assim, a transdisciplinaridade é uma epistemologia em trânsito, que não recusa o conflito nem o paradoxo, e que reconhece o sujeito como ponto de tensão entre múltiplas linguagens (Santos, 2012). A psicanálise, desde sua origem, opera nesse registro, circulando entre a clínica e a cultura, entre o sofrimento e a ética, entre o simbólico e o político. Sua vocação transdisciplinar não é acessória, mas fundante - é o que a aproxima da crítica moriniana à lógica disciplinar moderna.

Ao longo de sua produção, Freud jamais restringiu sua investigação à esfera clínica ou à psicopatologia individual. Como evidenciam textos como *Totem e Tabu* (1913/2010), *O Eu e o Id* (1923/2010) e *O mal-estar na civilização* (1930/2010), sua reflexão estendeu-se à constituição da cultura, às instituições sociais, à moralidade, à religião e à política. A psicanálise surge como um discurso sobre a cultura e uma forma de compreender o sujeito em sua condição paradoxal, ou seja, simultaneamente pulsional e social, desejante e culpado, criativo e destrutivo.

Essa leitura da psicanálise como saber transdisciplinar se intensifica quando confrontada com a crise de inteligibilidade que marca nosso tempo. A medicalização das infâncias, a normatização do sofrimento, o imperativo da felicidade funcional, os discursos tecnocráticos sobre saúde mental e a racionalização das instituições educativas são apenas alguns sintomas de um mal-estar mais profundo, ou seja, a recusa do sujeito dividido. Ao se recusar a capturar o sofrimento em categorias estáveis, a psicanálise escuta o que resiste à codificação, o que insiste como resto, como falha, como desvio. Trata-se, assim, de uma ética do inconsciente que tensiona a cultura e desafia a ordem da positividade.

Edgar Morin (1990, 2000) propõe uma reforma do pensamento que reconheça a

complexidade² como condição ontológica do real. Sua crítica à razão disjuntiva, analítica e compartimentalizada abre espaço para um saber que articula ciência, ética e subjetividade. Como expus em Santos (2012), a complexidade não se confunde com multiplicidade ou confusão; ela implica a inseparabilidade entre sujeito e objeto, afetividade e racionalidade, epistemologia e ética. Nesse horizonte, o sujeito é compreendido como *Homo Complexus*: contraditório, instável, criador e destrutivo — como o sujeito freudiano. A convergência entre psicanálise e pensamento complexo reside, portanto, na recusa de uma racionalidade purificadora e na sustentação do conflito como categoria produtiva.

Proponho, assim, um percurso teórico-interpretativo que aproxima a psicanálise freudiana ao pensamento complexo moriniano, visando compreender como essa articulação pode oferecer uma leitura crítica dos dispositivos de barbárie que transpassam a cultura. Por meio da interpretação de obras centrais de Freud, e do diálogo com autores como Renato Mezan, procuro demonstrar que a psicanálise, ao sustentar a falta/incompletude, o desejo e a ambivalência, corrobora para a construção de uma ética da complexidade, capaz de resistir às formas contemporâneas de normatização, apagamento da alteridade e desumanização simbólica.

2 Complexidade deriva do latim *complexus*, que significa “o que é tecido junto”, “entrelaçado”. Trata-se de uma concepção epistemológica que reconhece a inseparabilidade entre os elementos da realidade, articulando múltiplos níveis por meio de três princípios: a dialógica (complementaridade dos opostos), a recursividade (relação simultânea de causa e efeito) e o hologramático (presença do todo nas partes e vice-versa). Essa visão favorece a construção de um pensamento aberto, articulador e integrador (Santos, 2012).

A psicanálise enquanto discurso transdisciplinar entre o inconsciente e a cultura

Da clínica ao mito:

Freud como leitor da cultura

Desde seus primeiros escritos, Freud demonstrou que a psicanálise ultrapassa os limites da clínica para constituir-se como um discurso sobre a cultura. Bem longe de ser apenas um método terapêutico, ela emerge como uma forma de investigação das estruturas que suportam a constituição do sujeito e da civilização. A articulação entre inconsciente e cultura se evidencia particularmente em obras como *Totem e Tabu* (2010), na qual Freud propõe uma hipótese psicanalítica sobre a origem da moral, da religião e das instituições sociais, ancorada na noção de parricídio inaugural e na ambivalência pulsional dos sujeitos. Trata-se de uma leitura mítica, mas não arbitrária, que busca estabelecer um elo entre a constituição psíquica individual e os processos civilizatórios coletivos.

Esta perspectiva revela o caráter profundamente transdisciplinar da psicanálise, que desde o início dialoga com a antropologia, a história, a mitologia e a biologia. Ao confrontar-se com os trabalhos de autores como Darwin, Robertson Smith e James Frazer, Freud integra elementos extra-clínicos à sua construção teórica, propondo que as estruturas do psiquismo individual podem elucidar os enigmas da vida coletiva (Freud, 2010a).

Tal articulação entre saberes evidencia uma dimensão que ultrapassa o mero acúmulo multidisciplinar. A transdisciplinaridade, conforme Santos (2012), deve ser compreendida como uma postura epistêmica, ética e política que reconhece a interpenetração dos saberes e a necessidade de um olhar que vá além das fronteiras disciplinares fixas. Trata-se de um “conhecimento em trânsito”, que articula diferentes linguagens e reconhece a complexidade do real, exigindo do sujeito cognoscente uma atitude de abertura, diálogo e autorreflexividade.

Como Freud ressalta em *O Interesse da Psicanálise* (1913/2010), ela não apenas transforma os conceitos psicológicos, como também oferece instrumentos interpretativos às ciências da cultura, da biologia e da filosofia. Ele argumenta que o interesse pela psicanálise é inevitável para esses campos de conhecimento justamente porque a vida anímica — mesmo quando observada sob a lente empírica — não pode ser desvinculada da linguagem, da história e dos mitos. Nesse sentido, o inconsciente é um ponto de convergência entre registros aparentemente inconciliáveis, o que confirma sua natureza transdisciplinar.

Em sua *Autobiografia* (1925/2010), Freud reflete sobre os caminhos que levaram à construção da psicanálise, destacando como sua formação em neurologia, fisiologia e filosofia contribuiu para a formulação de um novo campo de saber. Ele reconhece que, embora tenha partido de problemas clínicos concretos, a psicanálise ultrapassou desde cedo os limites da medicina, tornando-se uma teoria do sujeito e da cultura. Ao rememorar os impasses enfrentados junto à comunidade científica, Freud reforça a ideia de que a psicanálise foi obrigada a se constituir como um saber autônomo e ao mesmo tempo transversal.

Renato Mezan (2006), ao examinar essa faceta da obra freudiana, ressalta que ele não é apenas o criador de uma teoria do aparelho psíquico, mas um verdadeiro pensador/pesquisador da cultura. Sua psicanálise é, desde a origem, um saber que se constrói na interface com os discursos da ciência, da filosofia, da política e da religião. Mezan destaca que o próprio Freud reconhecia as limitações de uma abordagem exclusivamente psicológica e buscava constantemente elementos em outros campos para aprofundar sua compreensão dos fenômenos humanos. Essa abertura o leva a investigar, por exemplo, os vínculos entre a constituição do superego, a repressão pulsional e os imperativos morais da civilização.

A interpretação de Freud como um pensador da cultura permite entender a psicanálise como um campo de estudo cujo objeto ultrapassa a psicopatologia, alcançando os modos de vida, os rituais, as estruturas familiares e as instituições. A interpretação dos fenômenos religiosos como neurose obsessiva da humanidade, a crítica à moralidade repressiva e a concepção do mal-estar como inerente à vida civilizada são exemplos de sua contribuição para uma teoria crítica da cultura (Freud, 2010). Desta forma, a psicanálise não se limita a interpretar o sofrimento individual, mas o reinscreve nos conflitos sociais, históricos e simbólicos que constituem a subjetividade. Pois os sujeitos sofrem não apenas por si, mas por todos os discursos que os atravessam.

Portanto, reconhecer Freud como pensador da cultura é entender que a psicanálise, desde sua gênese, opera por cruzamentos disciplinares, sendo capaz de articular saberes diversos na construção de uma teoria complexa do humano. Essa vocação transdisciplinar é, como veremos adiante, aquilo que a aproxima do pensamento de Edgar Morin e da necessidade contemporânea de enfrentar a barbárie com instrumentos que escapem aos reducionismos disciplinares.

No texto *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914/2010), Freud denuncia o conservadorismo das ciências positivistas e descreve a resistência ao novo paradigma que ele propunha. A psicanálise foi, desde o início, um saber incômodo, pois questionava a pretensão de neutralidade científica e revelava os elementos inconscientes presentes nos próprios discursos científicos. Tal crítica ao método científico dominante indica que Freud já operava dentro de uma lógica transdisciplinar, ao desconfiar dos limites das abordagens exclusivamente empíricas ou fisiológicas e propor a escuta do sintoma como dado legítimo.

Essa leitura do freudismo como dispositivo transdisciplinar — enraizado na cultura e não apenas na clínica — revela sua

afinidade com o pensamento complexo. A psicanálise freudiana, ao assumir o conflito, a ambivalência e a multiplicidade do sujeito, se alinha ao que denomino, com base em Morin (1990, 1994), de uma epistemologia da complexidade, ou seja, uma perspectiva de pensamento que não recusa as contradições, mas as integra, sustentando o inacabamento e o paradoxo como constitutivos da condição humana.

Assim, defendo que a complexidade não se confunde com complicação, mas diz respeito à inseparabilidade entre sujeito e objeto, razão e afeto, ciência e ética. É uma atitude epistêmica que exige do pesquisador, do educador ou do psicanalista um exercício contínuo de autoconhecimento e reconhecimento dos limites do saber (Santos, 2012). Desta forma, a complexidade opera como fundamento para a transdisciplinaridade, e ambas se encontram no núcleo da proposta psicanalítica freudiana, especialmente quando esta é convocada a pensar os impasses da cultura e da civilização.

A partir dessa convergência entre psicanálise e pensamento complexo, é possível iniciar uma análise aprofundada sobre o modo como Freud compreende a cultura. A complexidade do laço entre sujeito e civilização se revelará ainda mais aguda quando observamos como o conflito pulsional funda os dispositivos simbólicos e morais que estruturam a vida coletiva. A seguir, será apresentada a teoria freudiana da cultura como um campo no qual o desejo e a repressão, o sofrimento e o progresso se entrelaçam de maneira inescapável.

Entre o desejo e a norma: fundamentos da cultura na psicanálise freudiana

A contribuição de Freud à compreensão da cultura estrutura-se a partir da articulação entre a constituição do psiquismo e os imperativos da vida coletiva. Sua teoria cultural não é construída de forma sistemática, mas desenvolvida ao longo de diversas obras, das quais emerge uma reflexão profunda sobre

os mecanismos pelos quais a civilização se impõe ao indivíduo e, simultaneamente, dele depende. Nesta perspectiva podemos destacar textos basilares como *Totem e Tabu* (1913/2010), *O Eu e o Id* (1923/2010), *O futuro de uma ilusão* (1927/2010), *O mal-estar na civilização* (1930/2010), nos quais Freud se dedica a investigar o preço psíquico pago pela humanidade para construir e manter o que se chama de “civilização”.

O ponto vestibular da teoria freudiana da cultura é o reconhecimento de que há um antagonismo estrutural entre as pulsões humanas — especialmente as pulsões sexuais e destrutivas — e as exigências da vida em sociedade. Neste sentido, a civilização necessita da repressão, da renúncia e do deslocamento das pulsões (Freud, 1930/2010). Para garantir a convivência coletiva, é necessário conter o exercício direto do desejo, especialmente aquele que visa à satisfação imediata. Essa contenção, no entanto, não é sem consequências, pois, ela gera angústia, neurose, ressentimento — o chamado “mal-estar” que caracteriza a vida civilizada. Esse antagonismo, todavia, não é apenas um fato psicológico; é também epistemológico. Como já indicava Freud em sua *Contribuição à História do Movimento Psicanalítico* (1914/2010), o modo como a ciência lida com o humano tende a recusar o conflito e a ambivalência, optando por modelos normativos que reforçam a repressão dos afetos e a exclusão do inconsciente. A cultura, assim, não apenas molda o sujeito, mas também participa da própria produção do recalque, ao silenciar aquilo que persiste em retornar como sintoma.

Essa relação entre cultura e repressão encontra eco na própria história da recepção da psicanálise. Em *As Resistências à Psicanálise* (1925/2010), Freud aponta que a hostilidade contra a psicanálise não deriva apenas de desacordos teóricos, mas de resistências profundas àquilo que ela revela sobre o sujeito, ou seja, o inconsciente, a sexualidade infantil, o recalque e a ambivalência

pulsional. Tais descobertas contrariam os ideais da razão moderna, que se pretendia transparente, autoconsciente e racional. A cultura, nesse sentido, não apenas reprime conteúdos psíquicos, mas também repele saberes que desestabilizam seus alicerces normativos. Freud denuncia, assim, uma epistemologia da recusa, em que o saber se protege contra o real psíquico por meio do desprezo e da negação.

Em *O Eu e o Id* (1923/2010), Freud apresenta um modelo estrutural do aparelho psíquico que permite compreender como as instâncias psíquicas se organizam sob a influência da cultura. O superego, instância que representa a internalização das normas sociais e morais, é formado a partir da identificação com as figuras parentais e, por conseguinte, com as exigências culturais e civilizatórias. A violência do superego, que se expressa como culpa e autojulgamento, mostra que a repressão pulsional é incorporada pelo sujeito como integrante de seu mundo interno. Não se trata, portanto, de uma oposição externa entre indivíduo e sociedade, mas de uma cisão intrapsíquica constituinte da subjetividade.

A cultura, para Freud, é também produtora de sublimações, ou seja, de formas de redirecionamento da energia pulsional para atividades socialmente valorizadas, como a arte, a ciência, a religião e o trabalho. Contudo, essa operação não dissolve o conflito, apenas o transforma. As formações culturais carregam, em sua origem, os traços do recalque, ou seja, a violência primitiva, os interditos do incesto e do parricídio, a ambivalência entre amor e ódio. Logo, a cultura é atravessada por sintomas, delírios coletivos, mitos e ilusões que procuram dar sentido à tensão irresolúvel entre o desejo e a norma (Freud, 2010).

Renato Mezan (2006) observa que Freud não oferece uma visão idealizada da civilização, tampouco adere a uma crítica romântica que deseje seu retorno a um estado natural. Sua análise é marcada por uma lucidez

trágica, na qual o progresso civilizatório é inseparável da intensificação do sofrimento psíquico. A cultura é, simultaneamente, proteção contra a barbárie e produtora de novas formas de barbárie — mais refinadas, internas, invisíveis. A repressão que permite a ordem também gera o recalque que sustenta o sintoma, revelando o paradoxo constitutivo da existência civilizada.

A teoria freudiana da cultura, portanto, não é apenas uma descrição sociológica ou antropológica da vida em sociedade. É, sobretudo, uma teoria dos impasses da subjetividade diante das exigências culturais. Ao demonstrar que os grandes projetos civilizatórios são construídos sobre a base do desejo interdito e da violência originária, Freud inaugura uma forma radical de pensar a cultura como campo de conflito, ambivalência e sintoma. Essa perspectiva será fundamental para o diálogo com o pensamento da complexidade de Edgar Morin, cuja crítica à racionalidade moderna e busca pela interrelação dos saberes encontram na psicanálise uma aliada na denúncia das contradições da sociedade contemporânea.

Pensamento complexo e barbárie moderna: convergências com a psicanálise

Modernidade, racionalidade e barbárie: a crítica moriniana

Edgar Morin inscreve-se em uma longa tradição de pensamento que reconhece os limites das promessas iluministas de progresso, racionalidade e emancipação nos alertando para os erros e ilusões da racionalidade (Morin, 2002). No entanto, diferentemente de abordagens meramente negativistas, Morin propõe um diagnóstico complexo, no qual a própria racionalidade que sustentou os avanços científicos e técnicos da modernidade é também responsável por novas formas de barbárie. Para o autor, o pensamento ocidental hegemônico baseou-se na disjunção, na simplificação e na compartimentalização dos saberes, criando

um modelo de conhecimento que separa sujeito e objeto, natureza e cultura, emoção e razão (Morin, 1990).

Esse modo de pensar, que Morin denomina “pensamento simplificador”, encontra sua expressão paradigmática na ciência moderna, organizada segundo a lógica da especialização e da fragmentação disciplinar. A hiperespecialização, embora tenha permitido avanços extraordinários, conduziu à cegueira epistemológica diante da complexidade dos fenômenos humanos e ecológicos. Segundo o autor, essa cegueira não é apenas cognitiva, mas também ética e política, pois impede o pensamento de refletir sobre seus próprios limites, efeitos e implicações (Morin, 2000).

Um dos conceitos-chave na crítica moriniana à modernidade é o de *Homo Complexus*, em oposição ao *Homo Economicus* ou *Homo Technologicus*. O ser humano, em sua visão, é um ser ao mesmo tempo racional e irracional, biológico e cultural, individual e coletivo. A tentativa de reduzi-lo a um modelo unidimensional, como operado pelas ciências clássicas ou pelas ideologias modernas, constitui uma forma de violência epistêmica e política. Morin insiste que o homem não é apenas sapiens, mas também demens, sendo capaz de conhecimento e de loucura, de criação e de destruição, de ética e de barbárie (Morin, 1990; 2002; 2004).

A barbárie moderna, nesse sentido, não é um resíduo pré-moderno, mas uma produção da própria racionalidade moderna. Os totalitarismos do século XX, o extermínio tecnicamente organizado, as guerras mundiais, as políticas coloniais e o consumismo predatório são exemplos emblemáticos de uma razão instrumental desvinculada de qualquer horizonte ético ou ecológico. A racionalização das emoções, dos corpos e das relações sociais gera um tipo de sujeito adaptado às exigências da eficiência e do lucro, mas desprovido de sentido e desconectado da complexidade do viver (Morin, 2000).

Dessa maneira, a crise da modernidade

é, para Morin, uma crise do próprio modo de pensar. Enfrentar essa crise exige abandonar os paradigmas reducionistas e adotar o que ele chama de pensamento complexo, em outras palavras, uma forma de pensamento que reconhece a interdependência dos saberes, a incerteza, a ambiguidade e a retroação dos sistemas. O pensamento complexo propõe a reintegração dos saberes fragmentados, a abertura ao diálogo entre as disciplinas e a valorização da subjetividade, da ética e da imaginação como dimensões legítimas do conhecimento (Morin, 1990).

Essa proposta tem profundas ressonâncias com a psicanálise freudiana, especialmente com a concepção de cultura como campo de conflitos, ambivalência e recalque. A psicanálise e o pensamento complexo compartilham a crítica à ideia de um sujeito autônomo e transparente e reconhecem a importância dos processos inconscientes e contraditórios na constituição do humano. Como mostrarei adiante, essa afinidade permite articular Freud e Morin como pensadores da complexidade e da resistência simbólica à barbárie.

Pensamento complexo e inter-relação dos saberes

A superação da crise do conhecimento moderno, segundo Edgar Morin, depende de uma profunda reforma do pensamento. Essa reforma não se restringe à reorganização dos currículos escolares ou à simples inclusão de novos conteúdos nos programas de formação profissional. Trata-se, antes, de uma transformação paradigmática, que é caracterizada pela substituição do pensamento linear, fragmentário e redutor pelo pensamento complexo, capaz de apreender a multidimensionalidade dos fenômenos e suas articulações recíprocas (Morin, 1990).

O pensamento complexo propõe o rompimento com o modelo cartesiano-newtoniano de ciência, que fundamenta a organização disciplinar das universidades e a hegemonia da racionalidade técnico-instrumental. Em

vez de separar o objeto do sujeito, o natural do social, o real do simbólico, a complexidade convida à inter-relação de saberes e à consideração das totalidades organizadas. Isso não implica abdicar da análise, mas integrá-la à síntese, à contextualização e à autocrítica epistemológica (Morin, 2000). O conhecimento complexo é, por definição, um conhecimento que se reconhece como limitado, incompleto e atravessado por incertezas. É, portanto, um conhecimento mais próximo da experiência humana concreta.

No campo educacional/formativo, essa proposta tem implicações diretas, pois exige uma formação que rompa com a lógica da especialização precoce e da compartimentalização do saber. Morin critica duramente a formação de profissionais que sabem cada vez mais sobre cada vez menos, incapazes de dialogar com outras áreas ou de compreender os impactos sociais, éticos e existenciais de seu próprio campo de atuação. A defesa de uma “cabeça bem-feita” — expressão com a qual se contrapõe à “cabeça bem cheia” — alude à necessidade de formar sujeitos capazes de mobilizar os saberes em contextos novos, incertos e complexos (Morin, 2000).

Essa concepção epistemológica ressoa de maneira notável com a proposta freudiana da psicanálise. Desde *Totem e Tabu* (1913/2010), Freud operou a articulação entre saberes diversos — como a antropologia, a mitologia, a filologia, a arqueologia e a história da religião — para construir um modelo psicanalítico da cultura. A psicanálise, em sua própria constituição, é um campo transdisciplinar, na medida em que articula o saber clínico com os saberes culturais e sociais. Mais do que isso, ela se estrutura sobre a ideia de que o sujeito é, eminentemente, um ser de contradição, de ambivalência e de conflitos psíquicos, e que esses conflitos se reproduzem, de modo ampliado, nas formas culturais e institucionais (Freud, 1913/2010).

Como observa Mezan (2006), a psicanálise freudiana não se limita a interpretar o

inconsciente individual, mas pretende compreender as produções simbólicas da cultura como material de análise. Com isso, desafia a compartimentalização do saber e reivindica a legitimidade de um pensamento que atravessa campos distintos, sem dissolver a especificidade de cada um. A afinidade com o pensamento de Morin torna-se evidente, visto que, ambos rejeitam os dualismos simplificadores e reconhecem que o humano não pode ser compreendido sem considerar as múltiplas dimensões — biológica, psíquica, cultural, social e política — que o constituem.

A transdisciplinaridade proposta por Morin encontra, portanto, um terreno fértil na prática e na teoria psicanalítica. Ambos os campos compartilham a recusa da neutralidade epistêmica, a valorização da subjetividade e o reconhecimento da complexidade dos fenômenos humanos. Trata-se de uma aliança estratégica para o enfrentamento das formas contemporâneas de barbárie, visto que, enquanto a psicanálise oferece ferramentas para pensar o sofrimento psíquico e suas manifestações culturais, o pensamento complexo fornece o arcabouço epistemológico para integrar essas contribuições a um projeto mais amplo de reforma do saber e da ética.

Se a proposta de Morin abre espaço para um pensamento que reconhece o sujeito em sua complexidade, é a escuta psicanalítica que dá corpo e voz a essa complexidade nos encontros com o sofrimento humano. Um exemplo elucidativo pode ser encontrado nos contextos escolares, nos quais a escuta do sintoma infantil — muitas vezes tratado como disfunção ou desvio — permite vislumbrar a presença de conflitos familiares, exclusões sociais e traumas culturais. A psicanálise, nesse sentido, não oferece apenas diagnóstico, mas desloca o olhar, inaugurando possibilidades de sentido. É com essa lente que se abordará, a seguir, sua contribuição para o enfrentamento das barbáries contemporâneas.

Escuta, contradição e subjetividade: a crítica psicanalítica na contemporaneidade

Resistência simbólica: a psicanálise diante das barbáries contemporâneas

Num contexto marcado por crises civilizatórias de múltiplas ordens — ecológicas, sociais, subjetivas e epistêmicas —, a psicanálise se apresenta como uma ferramenta indispensável para pensar os impasses da contemporaneidade. Diferentemente das abordagens pragmáticas ou tecnocráticas, que buscam soluções operacionais para problemas de ordem social e mental, a psicanálise trabalha com a escuta do sofrimento, do sintoma e do desejo, recusando a lógica da adaptação e da normalização. Essa escuta, para Freud, ancorada no reconhecimento do inconsciente, permite acessar camadas profundas da experiência humana, muitas vezes negligenciadas pelas ciências positivas.

A abordagem transdisciplinar da psicanálise se mostra especialmente potente diante do contexto atual, descrito por Maria Cândida Moraes (2021) como uma situação de policrise — um entrelaçamento simultâneo de múltiplas crises (ambientais, subjetivas, sociais, cognitivas e civilizatórias) que se retroalimentam, aprofundando os impasses da humanidade. Nesse cenário, torna-se ineficaz qualquer tentativa de enfrentamento que recorra a lógicas lineares ou soluções setoriais. A policrise desafia os paradigmas disciplinares tradicionais e exige uma ecologia do pensamento capaz de integrar complexidade, subjetividade e ética. É precisamente, nesse ponto, que o pensamento complexo e a psicanálise se articulam, ambos reconhecem que as manifestações do mal-estar contemporâneo não são apenas sintomas isolados, mas expressões de uma trama simbólica, afetiva, social, econômica e política que atravessa o sujeito e o mundo. Assim, a escuta do inconsciente torna-se também uma escuta da crise como sintoma civilizatório.

Em sua teoria da cultura, Freud evidencia

que a civilização impõe ao sujeito um alto custo pulsional. A renúncia às pulsões — especialmente às agressivas e sexuais — é condição de possibilidade para a vida coletiva, mas ao mesmo tempo constitui uma fonte contínua de tensão e mal-estar. O recalque, o retorno do recalado e a formação dos sintomas são expressões desse conflito estrutural. Como lembra Mezan (2006), a psicanálise freudiana não se limita a uma crítica externa da cultura, mas elabora um diagnóstico interno, mostrando que o núcleo pulsional reprimido jamais desaparece. Visto que, retorna sob formas múltiplas — neuroses, fanatismos, gozo destrutivo, violência organizada.

Dessa forma, a psicanálise fornece uma chave de leitura singular para os fenômenos contemporâneos que desafiam as teorias sociológicas tradicionais. A ascensão de discursos autoritários, os mecanismos de segregação, os processos de desumanização e a produção de subjetividades hiperindividualizadas podem ser compreendidos como manifestações sintomáticas de um mal-estar estrutural que a modernidade tentou, em vão, apagar com promessas de racionalidade, progresso e técnica. A persistência e até a intensificação desses sintomas nas sociedades contemporâneas exigem um saber que não os patologize, mas os interprete (Freud, 2010b).

Desta forma, a escuta psicanalítica atua como resistência simbólica à barbárie. Ao reconhecer o conflito, a divisão subjetiva, a ambivalência e o desejo como constituintes da experiência humana, a psicanálise impede a redução do sujeito a uma função produtiva, consumidora, a uma identidade fixa ou a um dado biomédico. Ela se opõe, portanto, tanto aos fundamentalismos identitários quanto ao apagamento neoliberal das singularidades subjetivas. Ao sustentar o lugar da fala, da transferência e da elaboração simbólica, a clínica psicanalítica pode se tornar, como afirma Morin (2000), uma prática de resistência contra os processos de desumanização.

Não se trata de inventar um novo sujeito. Talvez apenas de suportar o que ele já é: dividido, faltoso, inacabado — e ainda assim vivo. Essa é a aposta da escuta psicanalítica, atuando não na correção da falta, mas na sustentação da singularidade que emerge no entrelugar do desejo e da linguagem.

Ademais, a psicanálise contribui com o campo educacional, social e político ao propor uma ética que não se fundamenta na normatividade ou no ideal de completude, mas na escuta do inconsciente e na sustentação da falta. Essa ética não visa curar ou adaptar, mas permitir que o sujeito elabore suas próprias saídas simbólicas frente aos impasses do real. Assim, a psicanálise se constitui em uma aliada essencial do pensamento complexo. Pois, ambas compartilham o reconhecimento da incerteza, da contradição e da imprevisibilidade como elementos estruturantes da existência humana (Morin, 1990).

Assim, a contribuição da psicanálise para os impasses contemporâneos não reside apenas em sua capacidade de interpretar os sintomas sociais, mas em sua disposição de manter abertos os espaços da palavra, do desejo e da elaboração simbólica — justamente aqueles que a barbárie contemporânea, sob diversas formas, tenta apagar. Ao sustentar a complexidade do sujeito frente às simplificações ideológicas e técnicas, a psicanálise se constitui como prática ética e política de resistência e resiliência.

Se a escuta psicanalítica resiste à captura do sujeito pelo discurso da produtividade e da eficácia, essa resistência se radicaliza ainda mais quando colocamos a psicanálise em confronto com os modos como a cultura produz e administra o mal-estar. Tomemos como exemplo a medicalização crescente dos afetos na contemporaneidade. Uma vez que a tristeza, o tédio, a angústia — experiências constitutivas do humano — são convertidas em distúrbios a serem tratados por protocolos, apagando sua dimensão simbólica. É precisamente nesse ponto que a psicanálise

se organiza como uma forma de resistência cultural, abrindo espaço para refletir sobre o entrelaçamento entre barbárie, cultura e subjetividade.

Entre o superego e o desejo: intersecções entre cultura, barbárie e subjetividade

A cultura, para Freud, nunca é um espaço de reconciliação plena ou harmonia ideal. Pelo contrário, ela é construída sobre renúncias pulsionais e interditos fundamentais — como o incesto e o parricídio — que, ao mesmo tempo em que estruturam a vida coletiva, inauguram o mal-estar subjetivo (Freud, 2010). O preço da civilização é a internalização das proibições sob a forma de um superego severo, produtor de culpa e angústia. Assim, a cultura é simultaneamente condição de humanização e campo de conflito permanente, no qual a barbárie nunca está inteiramente superada, apenas recalçada ou travestida.

A leitura de Freud evidencia que a barbárie não se opõe à cultura — ela habita seu cerne, recalçada, pronta a eclodir sob novos disfarces. A repetição da violência primitiva — simbolizada na horda patriarcal de *Totem e Tabu* (Freud, 1913/2010) — ressurge na história sob novas formas — guerras, genocídios, fanatismos, racismos, exclusões. Freud advertia que o progresso técnico e intelectual não elimina os impulsos destrutivos, apenas os desloca ou os reprime, o que os torna ainda mais perigosos quando encontram meios racionais de se realizar em grande escala, como testemunharam os eventos traumáticos do século XX (Freud, 1913/2010).

Edgar Morin reforça essa leitura ao afirmar que a barbárie não é um resto arcaico, mas uma (re)produção moderna. A razão instrumental, ao dissociar-se da ética e da solidariedade, torna-se cúmplice das formas mais sofisticadas de destruição. A própria modernidade, que se pretendia civilizadora, produziu suas contradições. Das quais destaca o totalitarismo, a burocracia

desumanizante, a indústria da guerra, e o esgotamento ambiental. Para Morin (2000), a crise da civilização contemporânea está ligada à recusa da complexidade do humano e à falência de um pensamento que separa razão e emoção, indivíduo e coletivo, ciência e consciência (Morin, 1994). Vivemos assim, um colapso civilizatório. Não por excesso, mas por recusa: recusa da ambiguidade, da contradição, da carne. Razão sem corpo. Ciência sem desejo.

A subjetividade, nesse cenário, opera como superfície de inscrição das forças contraditórias da cultura, ou seja, progresso e repressão, vínculo e segregação. As manifestações sintomáticas do sujeito contemporâneo — tais como o vazio existencial, a depressão, os transtornos do narcisismo, o ódio ao outro — são expressões de uma cultura que, ao negar o conflito, o recalque e a ambivalência, tenta impor modelos normativos de identidade, sucesso e funcionalidade. A psicanálise, ao acolher o sofrimento e dar lugar ao desejo, revela a fragilidade das estruturas simbólicas que sustentam os ideais modernos de progresso e autonomia (Mezan, 2006).

Essa perspectiva encontra respaldo já nos escritos fundantes de Freud. Em *O Interesse da Psicanálise* (1913/2010), ele afirma que as contribuições da psicanálise, que, como já foi dito, não se restringem à psicologia, pois dizem respeito também à história das religiões, à literatura e ao estudo da linguagem. Com isso, a psicanálise não se oferece como uma nova disciplina entre outras, mas como um campo que desloca os limites entre elas. O desejo, o recalque e o sintoma não respeitam as fronteiras disciplinares; eles as atravessam. A escuta psicanalítica, portanto, exige um tipo de pensamento que já é, em si, complexo e transdisciplinar.

No *Resumo da Psicanálise* (1924/2010), Freud apresenta uma sistematização de seus conceitos centrais e reitera que a psicanálise não é apenas um método terapêutico, mas uma concepção do humano marcada

pela tensão entre o biológico e o simbólico, o desejo e a norma, o singular e o coletivo. Essa concepção, por sua vez, exige uma ética da escuta e da complexidade, pois o sujeito não é uma entidade fixa ou racional, mas um campo de forças em conflito. Essa formulação coincide, em muitos aspectos, com a proposta de Edgar Morin de um pensamento complexo, que articule ciência, ética e política. A psicanálise, como aponta Freud, só pode cumprir seu papel transformador se for capaz de pensar para além de seus próprios limites disciplinares e enfrentar, sem recuo, os impasses do humano.

Freud e Morin convergem, assim, na crítica às ilusões do projeto civilizatório moderno. Ambos reconhecem que o sujeito humano é constituído por contradições irreconciliáveis e que a cultura deve ser pensada não como superação da barbárie, mas como gestão precária do conflito. Nesse sentido, a psicanálise — com sua atenção à dimensão trágica da existência — não oferece soluções, mas uma ética da escuta e da elaboração simbólica que resiste à captura do sujeito pelo discurso da performance, da medicalização e da segregação.

Como prática transdisciplinar, a psicanálise pode dialogar com a educação, a política, a sociologia e a filosofia, promovendo um pensamento que reconheça a complexidade da experiência humana. Ao sustentar a subjetividade em meio à desintegração dos vínculos simbólicos e sociais, a psicanálise se opõe à barbárie, não pela via da normatização, mas pela abertura ao outro, ao conflito e à palavra. Essa é, em última instância, a sua contribuição para a reinvenção ética da cultura no século XXI.

Conclusão

O percurso teórico desenvolvido neste artigo buscou demonstrar que a psicanálise freudiana, em articulação com o pensamento complexo de Edgar Morin, constitui-se como um saber transdisciplinar capaz de enfrentar, simbolicamente, as múltiplas

formas de barbárie que atravessam a cultura contemporânea. Mais do que uma técnica clínica, a psicanálise aparece aqui como um dispositivo ético-discursivo que sustenta a escuta do sujeito em sua condição de falta, ambivalência e contradição. E é justamente essa escuta — radical, demorada, incômoda — que se opõe à lógica da normatização e da positividade que marca os discursos hegemônicos da modernidade tardia.

As obras de Freud analisadas permitiram compreender que a cultura, longe de ser um espaço de superação da barbárie, a abriga como sua origem e sua sombra. A repressão pulsional, a culpa civilizatória e a violência do superego são mecanismos que revelam a tensão constitutiva entre o desejo e a norma, entre o sujeito e os ideais coletivos. A modernidade, ao prometer racionalização e progresso, recalca o mal-estar, mas não o dissolve — apenas o desloca, travestido em patologias adaptadas, em performances produtivas, em sintomas socialmente legitimados. Como afirma Mezan (2006), Freud oferece uma leitura trágica da civilização, visto que, ela só pode existir à custa da renúncia, da dor e do sintoma.

Esta perspectiva freudiana encontra afinidade com a crítica de Edgar Morin à racionalidade fragmentária da modernidade. A barbárie, em Morin, não é um resto pré-moderno, mas uma produção moderna. Em outras palavras, uma barbárie com rosto técnico, com discurso científico e com lógica administrativa. Como defendo em *Transdisciplinaridade e Educação* (Santos, 2012), é preciso pensar a crise atual como crise de paradigma, e não apenas de instituições. A resposta a essa crise exige uma ética da complexidade — uma ética que reconheça a instabilidade, a incerteza, a incompletude, e que valorize o sujeito em sua radical singularidade. Essa ética, por sua vez, é inseparável da escuta do inconsciente.

A urgência, hoje, de escutar o sujeito dividido não é apenas uma demanda clínica, mas política, educacional e cultural. Num tempo

em que o sofrimento é cada vez mais traduzido em dados, algoritmos ou diagnósticos, insistir na escuta é afirmar a dignidade do desejo e da palavra. Em vez de adaptar o sujeito ao mundo, trata-se de escutar o que nele resiste — o que falha, o que tropeça, o que sonha. A psicanálise, nesse sentido, pode dialogar com a educação, a arte, a política e a tecnologia, abrindo espaço para outras formas de simbolização que escapem à homogeneização neoliberal do Eu.

Se a barbárie habita o coração da cultura, como insistem Freud e Morin, não basta sonhar com a superação da violência; é preciso sustentá-la simbolicamente. Esta é a tarefa da escuta psicanalítica, que pode oferecer ao sujeito a possibilidade de elaborar, e não de apagar, o conflito que o constitui. Eis o que está em jogo, não a invenção de um novo sujeito, mas a coragem de suportar aquele que já somos — divididos, faltosos, inacabados — e, ainda assim, vivos.

Referências

- Freud, Sigmund. (1925/2010). As resistências à psicanálise (1925). In S. Freud, *Obras completas*, v. 16. Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (1925/2010). Autobiografia. In S. Freud, *Obras completas*, v. 16. Companhia das Letras.
- Freud Sigmund. (1914/2010). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Obras completas*, (v. 11). Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (1923/2010). O Eu e o Id. In S. Freud. *Obras completas*, (v. 16). Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (1913/2010) O interesse da psicanálise. In S. Freud, *Obras completas*, (v. 11). Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (1930/2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, Sigmund. *Obras completas*, (v. 18). Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (1924/2010). Resumo da psicanálise. In: S. Freud, *Obras completas*, (v. 16). Companhia das Letras.

- Freud, Sigmund. (1913/2010). Totem e tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e dos neuróticos (1913). In S. Freud, *Obras completas*, (v. 11). São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund. (2010). *O Futuro de uma Ilusão*. L&PM Pocket.
- Mezan, Renato. (2006). *Freud, pensador da cultura*. 7. Companhia das Letras.
- Moraes, Maria Cândida. (2021). *Paradigma educacional ecossistêmico: por uma nova ecologia da aprendizagem humana*. WAK.
- Morin, Edgar. (1990). *Introdução ao pensamento complexo*. Instituto Piaget.
- Morin, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- Morin, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- Morin, Edgar. (2002). *O Método 1: A natureza da natureza*. Sulina, 2002ª.
- Morin, Edgar. (2002). *O Método a: As Ideias*. Sulina.
- Morin, Edgar. (2004). *O Método 6: Ética*. Sulina.
- Santos, M. A. R. dos. (2012). *Transdisciplinaridade e Educação: Fundamentos de Complexidade e a Docência/Discência*. Belém Editora Açai.

Recebido em: 13/08/2025

Aprovado em: 09/10/2025

Sobre o autor:

Marcio Antonio Raiol dos Santos

Professor Titular da Universidade Federal do Pará (UFPA), vinculado ao Núcleo de Estudos Transdisciplinares da Educação Básica (NEB). Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) e Educação na Amazônia (PGEDA). Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2005), com mestrado na mesma área (2001), atua nas interfaces entre Teoria da Complexidade, Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade e Educação, com foco em inovação pedagógica, inteligência artificial, práticas docentes e currículo pós-crítico. Líder do Grupo de Pesquisa em Complexidade, Currículo Pós-Crítico, Inovação e Práticas

Pedagógicas (GPECCIP), registrado no CNPq, com experiência consolidada em formação docente, ensino básico e superior, e desenvolvimento de projetos interdisciplinares e multiculturais na Amazônia. Suas investigações incluem metodologias ativas, currículo pós-crítico, práticas pedagógicas e os diálogos entre saberes tradicionais e tecnologias contemporâneas.

E-mail: mars@ufpa.br